



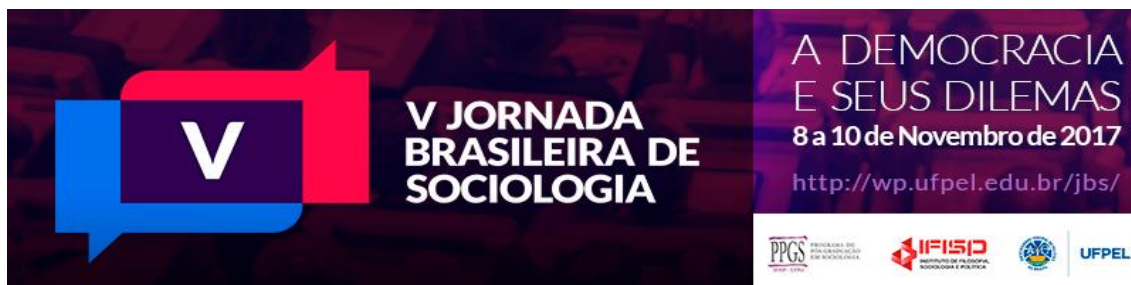
## **V Jornada Brasileira de Sociologia**

*Desafios, dilemas e oportunidades nas sociedades democráticas*

Novembro, 2017, Pelotas/RS

GT 03 – Cidade Tecnologia e Controle

**Crack, Desvio e Biopoder: A cracolândia sob um olhar sociológico**



## **Crack, Desvio e Biopoder: A cracolândia sob um olhar sociológico**

Rodrigo Teixeira Pinto<sup>1</sup>

Andrey Régis de Melo<sup>2</sup>

Este trabalho tem como objetivo abordar através de teorias sociológicas ações colocadas em práticas ou propostas na cidade de São Paulo pela prefeitura dessa cidade em relação à região adjacente à Estação da Luz conhecida como Cracolândia. O trabalho encontra-se em desenvolvimento, tendo como hipótese que as recentes medidas adotadas e propostas nessa cidade tem como respaldo uma imagem exacerbada do usuário de crack tratando-o enquanto sujeito totalmente incapaz, desviante em diversas dimensões para além do uso do crack e quase descartável. As fontes utilizadas são notícias sobre as ações ocorridas na região da Cracolândia no ano de 2017 e campanhas, notas e falas oficiais da gestão de João Doria na prefeitura de São Paulo. A abordagem utilizada no trabalho se guia através de trabalhos de sociólogos contemporâneos como Becker que evidencia o caráter relacional do conceito de desviante, enquanto destaca a importância em se compreender a trajetória que leva um sujeito a se tornar e ser considerado desviante por determinado grupo. A análise ainda se apoia nas contribuições de Foucault e Agamben que evidenciam, por sua vez, o desenvolvimento nos últimos dois séculos de uma forma de poder que, diferentemente da disciplina, não pretende o controle total dos indivíduos, mas que procura o controle da vida, distinguindo entre sujeitos que deve-se fazer viver e outros que representam perigo e que não deve-se exterminar, mas que a morte destes não representa motivo de condenação.

*Palavras-chave:* biopoder; desvio; crack.

---

<sup>1</sup> Bacharel em Ciências Sociais, mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria, email: rodrigotp315@gmail.com.

<sup>2</sup> Bacharel em Direito, mestrando em Ciências Sociais pela UFSM e defensor público na DPE-RS e-mail: andrey24melo@yahoo.com.br.

## INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas a inserção do crack na realidade brasileira levou ao desenvolvimento e a acentuação de problemas sociais no país. Nos últimos anos em diversas capitais brasileiras começaram a aparecer locais chamados de cracolândia, espaços voltados para o consumo da droga onde pouca ou nenhuma fiscalização é feita. O local mais conhecido foi na Rua Hélietia, nas proximidades da Estação da Luz na cidade de São Paulo. Essa localidade tem sido alvo de ações do poder público nos anos recentes, algumas ações visando a ressocialização dos usuários outras puramente policiais visando a apreensão de drogas e a dispersão dos frequentadores.

Desde as primeiras décadas do século XX a sociologia passou a dedicar maior tempo para as questões em torno de práticas consideradas desviantes na sociedade produzindo diversas pesquisas de grande relevância. O objetivo deste trabalho é fazer uso de algumas das contribuições dessas pesquisas sociológicas para abordar representações, discursos e ações ao longo do ano de 2017 em torno dessa região chamada de cracolândia, focando em especial questões referentes à prática e discurso da prefeitura da cidade de São Paulo.

Esse trabalho não procura fazer conclusões amplas dada a complexidade da realidade em questão, trata-se aqui de fazer uso de categorias sociológicas para evidenciar elementos e, assim, compreender essa realidade que envolve diferentes dimensões. Ao longo do desenvolvimento do texto se fez uso de categorias de Howard Becker para pensar a análise em torno do indivíduo usuário de crack, frequentemente referido enquanto desviante e de Michel Foucault e Giorgio Agamben, visando a análise de uma lógica mais ampla que permeia práticas sociais em relação à cracolândia.

## DESVIO E BIOPOLÍTICA

Ao longo do último século a Universidade de Chicago se destacou e ganhou credibilidade no campo da sociologia ao produzir diversos trabalhos acadêmicos sobre grupos marginalizados e considerados desviantes. Não foram poucos autores vinculados a essa instituição que ganharam notoriedade na área e que em razão disso vieram a ser considerados clássicos. Um desses autores é Howard Becker que tem como obra mais conhecida *Outsiders* (2008). Um dos grandes méritos dessa obra se deve ao método que

o autor norte-americano utiliza ao abordar a temática, formulando sua noção de *desvio*. O objetivo do autor é elaborar uma definição da categoria desvio que se adeque às pesquisas sociológicas, de forma a diferenciar das noções presentes em estatística e medicina (BECKER, 2008, p. 18). Isto é, essas noções, da estatística e da medicina, se mostram limitadas para o estudo da realidade social. A primeira toma como parâmetro a frequência de determinada conduta, sendo as menos frequentes consideradas desviantes, dessa forma, utilizando tal definição, se chegaria a conclusão que o não uso de drogas (lícitas ou ilícitas) seria um comportamento desviante, já que é mais comum encontrar pessoas que fazem uso de álcool ou cigarro do que aquelas não utilizam nenhuma. A segunda noção apresenta uma dificuldade inerente a sua definição, mesmo no campo das ciências da saúde a distinção entre funcionamento normal de um organismo e desvios desse comportamento que implicam em patologias não é feita com facilidade (CANGUILHEM, 2011), Na sociologia distinguir entre os dois, tal como Durkheim (2003) tentou fazer há cem anos torna-se mais difícil, pois não há método suficientemente objetivos para traçar tal distinção.

O caminho seguido por Becker é não tratar o desvio enquanto categoria dada *a priori*, enquanto algo absoluto. Desvio nessa abordagem sociológica é visto enquanto uma categoria relacional, isto é, deve-se situar quem está rotulando alguém e devido a qual comportamento enquanto um *outsider* (BECKER, 2008, p. 21-22). Dessa forma, é percebendo o desvio como uma relação social que Becker faz sua crítica àqueles que tornam o desvio em uma coisa a ser estudada em si (BECKER, 2008, p.17) sendo assim, nas palavras do autor:

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias, impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas ações como certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider. Mas a pessoa assim rotulada pode ter uma opinião diferente sobre a questão. Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-lo. (BECKER, 2008, p.15)

Essa definição se torna bastante útil para problematizar casos de usuários de drogas, pois além de perceber que o outsider pode ser aquele que viola uma lei, esse rótulo também se encaixa para aqueles que quebram tradições, ou que possuem comportamento considerado inadequado a partir de um padrão social normalizador (BECKER, 2008, p.16-17).

Ainda é possível destacar outros elementos da obra de Becker. Primeiramente o conceito de carreira (BECKER, 2008, p.35). Partindo de entrevistas, Becker chega à conclusão que para analisar um usuário de droga não basta considerar simplesmente que este sujeito tenha feito uso da substância uma vez. Para se tornar um usuário contumaz de determinada droga deve-se passar por uma série de passos. Esses passos ou etapas envolvem desde ter o primeiro acesso à droga, aprender a fazer o uso adequado dela, a compra da substância e, por fim, após todas essas etapas permanecer fazendo uso recorrente da droga. É essa sequência de passos que Becker irá definir enquanto carreira desviante, a qual consiste em um caminho metodológico para não essencializar dentro de determinada categoria quem faz uso de substâncias ilícitas (BECKER, 2007).

Becker ainda detalha seu conceito de desviante, abarcando diferentes possibilidades de rotulação. Conforme a situação um mesmo indivíduo pode ser rotulado de diferentes formas. Ou seja, um sujeito não desviante pode ser reconhecido enquanto tal, porém em diferentes situações, apesar de seu comportamento, pode ser rotulado enquanto tal, sendo dessa forma, falsamente acusado. O mesmo pode acontecer na situação inversa, quando temos um sujeito que segue uma conduta considerada desviante por determinado grupo, mas não é reconhecido enquanto tal (BECKER, 2008, p. 31). Por fim, Becker (2008, p. 42-43) ainda distingue entre traços de status principais, auxiliares e subordinados. Através do status principal espera-se determinada conduta de certo indivíduo, ao mesmo tempo que esse status coloca em segundo plano outras condutas deste indivíduo. Essa dinâmica ocorre recorrentemente com usuários de drogas, levando por vezes a indivíduos serem falsamente acusados, de acordo com a categoria de Becker, enquanto ladrões (status auxiliar), mesmo sem a existência de indícios disso.

Se Becker nos dá ferramentas para analisar sujeitos a partir da sociologia do desvio enfocando em uma abordagem mais particularista, Michel Foucault traz elementos para pensar dinâmicas mais amplas que servem para modular condutas de diversos indivíduos em nível social. A obra de Foucault é permeada por temáticas que envolvem grupos desviantes, como loucura, sexualidade e sistema prisional, tendo como objetos de análise a emergência de discursos e saberes com status de verdade, a formação de formas variadas de produzir saberes verdadeiros a partir de práticas sociais bem como a relação desses saberes com a dimensão do poder e, por fim, a relação ética do sujeito com relação a si mesmo (FOUCAULT, 2013). Esses três eixos, saber, poder, ético, de certa forma permeiam toda a obra de Foucault, embora tenham recebido em

diferentes momentos maior ou menos ênfase. Assim, em *As Palavras e as Coisas* (1992) o autor aborda a emergência de uma *episteme* moderna, abarcando o campo discursivo, em *Vigiar e Punir* (2014b) é abordada a passagem do poder soberano para o disciplinar e nos últimos dois volumes de *História da Sexualidade* (1984) é abordado a produção da ética do sujeito para consigo mesmo, isto é, o governo de si.

Como já mencionado, Foucault ao longo de sua obra mudou frequentemente os temas de suas pesquisas, uma das primeiras mudanças ocorreu após os eventos de maio de 1968 (FOUCAULT, 1980). À época as teorias sobre poder, especialmente as de vertente estruturalistas, não pareciam dar conta da complexidade da realidade na visão do autor. Por esse período a questão do poder emerge nos trabalhos de Foucault sob forte influência de Friedrich Nietzsche, como *A Ordem do Discurso* (FOUCAULT, 2014a). Porém é apenas em meados da década de 1970 que os principais trabalhos desse autor sobre poder são apresentados.

Foucault (1995) nesses trabalhos procura compreender o funcionamento do poder em ação. O poder, nos diz o autor, não deve ser “concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia” ou seja “temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui” (FOUCAULT, 2014b, p. 30). Essa abordagem leva Foucault a pensar o poder através de seus efeitos e não a partir de aparelhos institucionais como o estado ou a escola, esses são justamente efeitos de poder (FOUCAULT, 2008). Uma segunda consequência da abordagem desse autor é evitar uma teoria trans-histórica do poder (RABINOW e ROSE, 2006), as pesquisas de Foucault se baseiam em *regimes de práticas* (DEAN, 2010) que são historicamente datados.

Seguindo esses preceitos metodológicos Foucault aborda o que chama de biopoder, uma racionalidade em torno das questões que concernem a vida e que emerge no século XVIII, desenvolvendo-se no XIX e XX. Enquanto, quase concomitantemente, há a formação de práticas voltadas a domesticação de corpos em espaços vigiados e controle individualizado, uma anátomo-política (FOUCAULT, 2014b), essa outra forma de produzir condutas se desenvolve, de forma mais lenta e em outra dimensão. É que será chamado pelo autor de uma biopolítica. Conforme há o desenvolvimento de todo um campo de saber no século XIX como estatística, biologia, demografia novas práticas também emergem visando não mais o controle individual no nível dos corpos, mas a ação sobre o corpo social, isto é, a população.

Esse biopoder se articula com o poder disciplinar justamente por agir sobre outra dimensão (FOUCAULT, 2017). O homem enquanto espécie passa a ser objeto e as ações passam a visar questões que não seriam possíveis de serem abordadas no nível individual. São as doenças, a natalidade, a mortalidade, a força de trabalho (FOUCAULT, 1999). Passa-se a pensar em termos de prevenção de doenças, acidentes e de promoção da vida. Sob essa lógica que nascem ideias concernentes às campanhas de vacinação, à eugenia, à puericultura (cuidados com crianças), à saúde da mulher e à medicina do trabalho, voltadas a qualidade e quantidade da população nacional.

Apesar dessa dimensão que pode-se dizer pró-vida, há uma lógica adjacente que leva ao extremo oposto e que culminou nos amplos genocídios do século XX. Isso se deve ao fato de haver grupos considerados perigosos, sujeitos que representam aquilo que, sob essa perspectiva, pode levar à degeneração racial ou a violência contra o “cidadão de bem”, conforme é frequentemente dito. Giorgio Agamben (2002) vê nesse tipo de relação um ressurgimento em algum nível do tipo jurídico romano do *homo sacer*. Sujeito que embora sagrado não é digno de sacrifício, tampouco há normativa para o homicídio desse tipo de sujeito. No entanto, se assassinado não haveria medidas para coibir ou punir aquele que cometesse tal ato.

## **VISÕES SOBRE A CRACOLÂNDIA**

Antes do renascimento das cidades europeias na Idade Moderna um dos grandes medos da população comum era dos homens-lobo, é o que nos relata Agamben (2002). Uma questão etimológica e social, homens-lobo em referência ao animal que era sinal de perigo, homens-lobo porque assim como esses animais permaneciam distantes dos povoados e faziam uso de bosques e travessias para atacar viajantes. Os homens-lobo eram bandidos ou bandoleiros, palavras que seguem o radical de bando, isto é, homens que não faziam parte da comunidade e por isso mesmo representavam um perigo a ela. Ainda será retomado a questão em torno do termo bandido e sua relação com a representação em torno do usuário de crack, antes disso, alguns comentários sobre a noção de homem-lobo.

A referência a esse híbrido entre lobo e homem não é apenas metafórica na época em que se temia bandoleiros, havia ainda a representação teratológica do lobisomem, criatura mística, porém bastante real para os habitantes da Europa medieval. O medo de lobos se converte em uma criatura monstruosa. Passados séculos o

lobisomem se tornou uma figura marginal, ainda existente em histórias, porém pouco acreditado. O que ocorre é que conforme a realidade social se altera, os mitos e monstros acompanham essas alterações. Se em uma época lobisomens eram um dos perigos, assim como as serpentes marinhas para os navegantes que chegaram às Américas no século XV, na contemporaneidade são outros monstros que assumem esse papel. Nas grandes cidades brasileiras um desses monstros é o usuário de crack, o qual é recorrentemente representado enquanto zumbi.

Não é difícil encontrar esse tipo de relação no discurso de políticos, ONGs ou mesmo da população em geral. Em 2013, por exemplo, foi veiculada na internet uma campanha sob o nome *Zombie – A Origem*<sup>3</sup>, nela o problema em torno do crack é apresentado nos moldes de um trailer de um *blockbuster* com a temática de zumbis. No entanto, se trata de uma campanha contra o uso do crack, onde diversos atores caracterizados como zumbis trazem relatos de usuários da droga. O tom sensacionalista da campanha torna difícil distinguir se se trata de uma mera metáfora ou se os usuários são vistos como zumbis reais. Há ainda outras referências diretas menos sensacionalistas a representação monstruosa do usuário de crack, em junho desse ano o colunista Hélio Schwartsman da Folha de São Paulo assinou um texto com o nome de *Zumbis da cracolândia*<sup>4</sup>. Alguns textos têm uma linguagem mais pesada como o escrito pelo jurista Bady Neto com o título de *Cracolândia – um zoológico de zumbis*<sup>5</sup>. E mesmo no discurso de políticos a relação aparece<sup>6</sup>.

Embora esses diferentes exemplos não representem uma unidade de argumentos, há algumas coisas em comum entre eles. Primeiramente, os usuários têm sua dimensão de humanidade negada, eles se tornam outra coisa, um zumbi, isto é, um monstro. Eles representam não o diferente em relação ao cidadão “comum”, mas aquilo que qualquer um pode se tornar. Essa visão se assemelha muito a dos monstros medievais na perspectiva católica da época (DEL PRIORE, 2000), em que um pecado uma vez cometido levaria a formação de um monstro, como um bebê feito pelo diabo. No lugar

---

<sup>3</sup> Fonte *Zombie - A Origem* <<https://www.youtube.com/watch?v=zaOB7hFcGkU>> Acesso em 15/10/2017 19:13

<sup>4</sup> Fonte <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/helioschwartsman/2017/06/1891858-zumbis-da-cracolandia.shtml>> Acesso em 15/10/2017 19:23

<sup>5</sup> Fonte <<https://www.tudoemdia.com/2017/06/cracolandia-um-zoologico-de-zumbis>> Acesso em 15/10/2017 19:25

<sup>6</sup> Fonte <<http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,russomanno-compara-usuarios-de-crack-a-zumbis,10000077129>> Acesso em 15/10/2017 19:33



da relação com o profano entra a substância crack que, é muitas vezes dito, basta usar uma vez para se tornar um viciado, conseqüentemente um zumbi<sup>7</sup>.

A consequência dessa abordagem é a percepção do usuário de crack enquanto indivíduo sem capacidade de escolha, sem auto-percepção e sem livre-arbítrio. Embora viciados na droga possam ter seu juízo alterado, o que demanda acompanhamento psicológico individualizado, colocar tais indivíduos na categoria de zumbis acarreta problemas. Nessa representação não é feita distinção entre usuários e dependentes, todos os indivíduos são vistos como totalmente dependentes da droga. Nessa ótica pouco espaço aparece para que os usuários sejam observados a partir de suas vivências particulares, ou que se considere a carreira (BECKER, 2008) desses sujeitos. Eles acabam sendo essencializados na categoria monstro, sem espaço para compreender que outras dimensões compõem esses indivíduos. Tal discurso do usuário como zumbi, isto é, enquanto sujeito desprovido de discernimento e livre-arbítrio, abre espaço para a política de internação compulsória dos usuários, conforme tem sido adotado nos últimos meses<sup>8</sup>.

Se nos casos individuais os usuários de crack são representados como zumbis, há também uma racionalidade mais ampla na forma que o poder público lida com esses sujeitos. Segundo o argumento apresentado nesse trabalho, essa racionalidade reflete a lógica própria ao biopoder conforme Foucault o caracterizou. O biopoder se estabelece ao tomar por objeto a dimensão da vida, do homem enquanto espécie. Talvez não tenha existido outro momento em que as instituições científicas e estatais no ocidente tenham estado mais focados na promoção da vida, na formulação de campanhas e outros mecanismos de incentivo à boa alimentação, à saúde física e prevenção de doenças. Essas medidas têm por alvo populações circunscritas em determinado local (cidade, estado, país), no entanto elas raramente visam ou atingem o todo da população. Esse parece ser o caso dos usuários de crack que frequentam a crackolândia.

Para compreender esse fenômeno devemos retomar o debate feito por Agamben sobre o termo bando. Como anteriormente mencionado, o bandoleiro é aquele que não pertence a comunidade, ele se apresenta na verdade como ameaça a ela. O usuário de

---

<sup>7</sup> Fonte Zombie - A Origem <<https://www.youtube.com/watch?v=zaOB7hFcGkU>> Acesso em 15/10/2017 19:13

<sup>8</sup> Fonte <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/05/1888004-prefeitura-estima-internacao-forcada-de-ate-100-usuarios-de-crack.shtml>> <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,doria-diz-que-dependente-quimico-nao-tem-capacidade-para-decidir-por-internacao,70001820702>> <<http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,numero-de-internacoes-involuntarias-no-recomeco-dobra,70001834656>> Acesso em 15/10/2017 20:13

crack no contexto dado pela cracolândia assume esse papel, ele é visto como o perigo ao conjunto de pessoas que são tomadas por “cidadãos de bem”. Assim como Foucault (2017) questiona como é possível que concomitantemente com a emergência da política da vida, da promoção da vida ao longo do século XX tivemos os maiores genocídios registrados, questionamento semelhante pode ser feito sobre as razões que levam aos usuários de crack não fazerem parte, ao menos não de forma efetiva, das políticas sociais de promoção da vida. A hipótese aqui levantada é que isso ocorre pelo fato de que os usuários dessa droga são vistos como elemento externo, enquanto um bando, à comunidade em geral e por isso um risco à sobrevivência desta.

Essa abordagem se faz perceber em alguns discursos e práticas da prefeitura e do governo do estado de São Paulo. Em maio o prefeito João Doria afirmou que “Ali [a cracolândia], a partir de agora, é um espaço reconquistado pela cidade, pela cidadania e pelos habitantes que poderão circular com segurança”<sup>9</sup>. Em outro momento o prefeito afirmou que irá manter a intervenção policial e social no local, no entanto o que ocorreu pouco tempo após a declaração foi uma ação da polícia militar e da guarda municipal que fez uso de spray de pimenta e bombas de gás dentro de uma tenda do programa Redenção, da própria prefeitura, culminando na detenção de uma das assistentes sociais que trabalhavam no local<sup>10</sup>.

Diversas das intervenções feitas pela prefeitura ou pelo governo estadual acabaram levando à internação involuntária de diversos usuários, o que de um lado evidencia a lógica da “defesa da sociedade” contra esses indivíduos e de outro expõe mais um elemento dessa realidade. Se de um lado as ações policiais na região da cracolândia são violentas, nos espaços de reabilitação se esperaria um tratamento mais suave, mas não é o que ocorre em todos os casos. Em agosto de 2017 o Conselho Regional de Medicina de São Paulo (CREMESP) apresentou um relatório denunciando a ausência de cuidados adequados aos usuários de cracks internados em hospitais psiquiátricos conveniados com a prefeitura. Entre junho e julho do mesmo ano em um abrigo em São Paulo para dependentes químicos foram registradas 14 mortes em um período de trinta dias<sup>11</sup>.

---

<sup>9</sup> Fonte <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,enquanto-eu-for-prefeito-nao-vai-ter-mais-cracolandia-diz-doria,70001804593>> Acesso em 15/10/2017 21:00h

<sup>10</sup> Fontes <<https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/usuarios-da-cracolandia-dizem-desconhecer-programa-de-doria-e-seguem-atendidos-em-hoteis-de-projeto-de-haddad.ghtml>> <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/doria-diz-que-acao-policial-na-cracolandia-vai-continuar-10062017>> Acesso em 15/10/2017 21:05

<sup>11</sup> Fontes <<http://sao-paulo.estadao.com.br/noticias/geral,sob-investigacao-ha-seis-anos-abrigo-a-76-km-de-sp-tem-14-mortes-em-um-mes,70001895515>> <<https://g1.globo.com/sao->

Esses eventos levam a conclusão de que o usuário de crack é visto enquanto sujeito que pode ser descartado a exemplo do *homo sacer* de que Agamben (2002) fala. Embora a política não seja a de extermínio dessa população e ao mesmo tempo se use o discurso da assistência social e psicológica a esses indivíduos, o que acaba ocorrendo na prática é, embora não haja uma normativa para o assassinio dos usuários de crack, a indiferença, na melhor das hipóteses, ou até mesmo a satisfação através da morte desses sujeitos, já que, em algum nível, a lógica que aparece é a de que para a sociedade viver mais esses sujeitos devem ser descartados. Deixar morrer para fazer viver.

## CONCLUSÃO

O que pode-se concluir a partir dos relatos e representações sobre usuários de crack e sobre a crackolândia é que a visão que há sobre a situação tende a simplificar a realidade. Dificilmente se encontrará textos que procurem distinguir ou mesmo aceitar a distinção entre usuários e dependentes do crack. Os discursos tendem a levar a uma análise dos frequentadores da crackolândia baseada em uma essencialização desses sujeitos onde o que se enxerga é unicamente o uso da substância ilícita. Nesses relatos ela aparece como entidade que rapta a liberdade e senso de realidade do usuário transformando-o em zumbi. Tal visão tende a ter afinidade com as propostas referentes a internação compulsória dos indivíduos.

Enquanto são vistos como incapazes de discernimento da realidade e tolhidos de livre-arbítrio, os usuários de crack também são representados enquanto sujeitos perigosos o que leva a dois pensamentos. O primeiro, com discurso humanista, propõe a internação compulsória e conseqüente isolamento desses indivíduos, o segundo segue a lógica em que para se fazer viver é necessário que esses indivíduos venham a morrer, não necessariamente sob a lógica do extermínio, mas principalmente enquanto um tipo de *homo sacer*.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua 1**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

BECKER, H. **Segredos e Truques da Pesquisa**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

---

[paulo/noticia/cremesp-aponta-irregularidades-em-hospitais-de-programa-de-doria-para-tratar-usuarios-de-droga.ghtml](http://paulo/noticia/cremesp-aponta-irregularidades-em-hospitais-de-programa-de-doria-para-tratar-usuarios-de-droga.ghtml)> Acesso em 15/10/2007 21:15

- BECKER, H. **Outsiders**: estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- CANGUILHEM, G. **O Normal e o Patológico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- DEAN, M. **Governamentality**: power and rule in modern society. 2. ed. Londres: SAGE, 2010.
- DEL PRIORE, M. **Esquecidos Por Deus**: monstros no mundo Europeu e Ibero-Americano (séculos XVI-XVIII). São Paulo: Cia. das Letras, 2000.
- DURKHEIM, É. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- FOUCAULT, M. Truth and Power – interviewers: Alessandro Fontana, Pasquale Pasquino. In: GORDON, C. **Power/Knowledge**: Selected Interviews & other writings 1972-1977 by Michel Foucault. Nova Iorque: Pantheon Books, 1980. p. 109-133.
- FOUCAULT, M. **História da Sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FOUCAULT, M. O Sujeito e o Poder. In: RABINOW, P.; DREYFUS, H. **Michel Foucault, Uma Trajetória Filosófica**: (para além do estruturalismo e da hermenêutica). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-250.
- FOUCAULT, M. **A Verdade e as Formas Jurídicas**. 3. ed. Rio de Janeiro: NAU, 2002.
- FOUCAULT, M. **O Nascimento da Biopolítica**: curso dado no Collège de France (1978-1979). São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FOUCAULT, M. 1984 - O que São as Luzes? In: FOUCAULT, M. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**: ditos e escritos II. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. p. 351-368.
- FOUCAULT, M. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 42. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- RABINOW, P.; ROSE, N. O Conceito de Biopoder Hoje. **Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho**, João Pessoa, v. 24, p. 27-57, Abr. 2006.